

O *SEXTING* E O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

*Suzana da Conceição de Barros*¹

*Paula Regina Costa Ribeiro*²

Resumo

O *sexting* consiste no compartilhamento de mensagens, fotos e vídeos de cunho erótico/sensual/sexual por meio das tecnologias digitais. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o *sexting* na adolescência e a sua relação com o dispositivo da sexualidade. Para produzir os dados empíricos, utilizamos a internet como ferramenta, adotando o Google como mecanismo de pesquisa. Para a análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana. Ao analisarmos o material empírico, evidenciamos que a sexualidade é entendida não somente como uma essência que aflora na adolescência, mas também como algo que deve ser controlado, normalizado e gerenciado por meio de práticas disciplinares e de controle, principalmente por instâncias como a família e a escola. Entendemos que essa prática tem produzido uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois tem exposto a sexualidade no âmbito público.

PALAVRAS-CHAVE: *Sexting*. Dispositivo da sexualidade. Práticas disciplinares e de controle.

SEXTING AND THE SEXUALITY DEVICE

Abstract

Sexting consists of sharing messages, pictures and videos with erotic/sensual/sexual connotation using digital technologies. Therefore, this article aims to discuss sexting in adolescence and its relation with the sexuality device. In order to produce empiric data, the internet was used as a tool and Google was adopted as a research mechanism. For the data analysis, tools from the Foucaultian discourse analysis were used. While analyzing the

¹Doutora em Educação. Escola Municipal Manoel Martins Mano. Rio Grande. Brasil. E-mail: suzinhab@yahoo.com.br

²Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande. Brasil. E-mail: pribeiro@vetorial.net

empiric material, it was evident that sexuality is understood not only as an essence that emerges during the adolescence, but also as something that should be controlled, normalized and managed through disciplinary and controlling practices, essentially by the spheres of family and school. We understand that this practice has been producing a modernization of the sexuality device, because it has been exposing the sexuality as something of the public sphere.

Keywords: Sexting. Sexuality Device. Disciplinary and controlling practices.

Conhecendo o estudo...

Diversos artefatos da cultura digital, como a internet, computadores, celulares *smartphones*, sites de redes sociais (Facebook, Twitter etc.), *webcams* e o sistema *bluetooth* têm sido utilizados por alguns sujeitos para a produção e/ou difusão de fotos, mensagens e vídeos de conotação sexual, os quais são compartilhados com um sujeito específico (namorado/a, “ficante”, “paquera”, amigo/a, etc.) ou com uma multidão de conhecidos/as e desconhecidos/as. Para Jane Brown, Sarah Keller e Susannah Stern, é comum na contemporaneidade os sujeitos optarem

por exibir informações sobre a sua sexualidade e vida sexual, indicando sua orientação sexual em seus perfis do SNS³, postando histórias e poemas sobre o desejo sexual e experiência em blogs, compartilhando fotos nuas ou semi-nuas e vídeos de si mesmos no perfis SNS e através de telefones móveis (“sexting”), e discutir as práticas sexuais no SNS e blogs (2013).

Essa prática de visibilização da intimidade tem sido chamada de *sexting*, termo criado no século XXI, no Estados Unidos da América, por meio da junção de duas palavras: *sex* (sexo) e *texting* (mensagem). O fenômeno do *sexting* tem como premissa o compartilhamento e postagem de mensagens, fotos e vídeos de cunho erótico/sensual/sexual por meio das

³SNS é uma abreviação utilizada para indicar os sites de redes sociais, tais como o Facebook, Twitter etc.

tecnologias digitais. Os sujeitos que aderem a tal prática têm como propósito conquistar parceiros/as, tornar-se celebridades, vencer apostas, entre outros.

Embora o *sexting* seja realizado por sujeitos de diversas faixas etárias, esta pesquisa tem como foco de estudo o *sexting* na adolescência. Autores como Willard (2013) entendem que a prática do *sexting* na adolescência estaria ligada a características próprias dessa fase, tais como: a impulsividade, a explosão hormonal e a incapacidade biológica dos/as adolescentes de preverem as potenciais consequências de suas ações. Tal visão está atrelada a uma ideia biologicista da adolescência, a qual é entendida como uma essência; ou seja, algo natural, que é vivenciado por todos os sujeitos da mesma forma.

Neste estudo, procuramos nos afastar desse entendimento de adolescência como uma fase biológica e psicológica vivenciada de forma homogênea. Passamos a compreendê-la como um processo que se constrói discursivamente em um determinado meio social, cultural e histórico. Alguns autores/as, como Ozella (2002) e Quadrado (2006), discutem os/as adolescentes como um grupo social que emergiu em um determinado momento histórico específico: a sociedade moderna. Nessa época, a sociedade capitalista estava passando por alguns problemas, como o desemprego em massa e uma necessidade de desenvolvimento tecnológico. Assim, com a finalidade de ocupar os jovens e de propiciar que eles/as participassem desse desenvolvimento, a solução foi mantê-los na escola.

Após esses acontecimentos, constituiu-se uma nova etapa da vida em sociedade: a adolescência. Essa etapa emerge como uma fase de espera entre a infância e a idade adulta, e sobre ela foram/são produzidos alguns discursos (rebeldia, sexualidade aflorada, irritabilidade etc.) por diversos campos de saber (Biologia, Psicologia, Sociologia, Comunicação Social etc.), que acabam engendrando a adolescência como uma etapa da vida vivenciada por todos/as de forma igualitária.

Pensar na adolescência como uma construção nos possibilita fugir dos entendimentos que explicam a emergência do *sexting* na adolescência como

algo vinculado a uma biologia dos corpos. Entendemos que essa prática emerge em virtude de uma combinação de fatores sociais, históricos, econômicos e culturais que têm ocorrido em nossa sociedade, tais como: o deslocamento da modernidade sólida para a líquida⁴, a popularização das tecnologias digitais, a constituição de uma sociedade do espetáculo, a passagem da sociedade disciplinar para a de controle, a constituição de corpos e sexualidades como mercadorias vendáveis e o afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e o privado.

Entendemos que o *sexting* tem produzido efeitos nos modos de viver a sexualidade, tornando-a algo a ser visibilizado e escancarado no âmbito público, produzindo, dessa forma, uma (re)atualização no dispositivo da sexualidade. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o *sexting* na adolescência e a sua relação com o dispositivo da sexualidade.

Produzindo algumas interlocuções teóricas!

Ao revisitarmos a história da sexualidade, escrita por Michel Foucault, evidenciamos que, ao longo dos séculos, ocorreram algumas modificações na forma com que os sujeitos entenderam e vivenciaram a sexualidade. Segundo o autor, não havia tantas interdições quanto à sexualidade até o século XVII. Sobre ela não reinavam segredos e a vontade de verdade: “as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, de decência, se comparados com os dos século XIX” (FOUCAULT, 2007a, p. 9). No entanto, no final do século XVII e início do XVIII, algumas rupturas começaram a

⁴ A modernidade líquida é um termo utilizado por Bauman (2001) como uma metáfora para descrever a contemporaneidade; esse tempo caracterizado pelas mudanças efêmeras, pela imprevisibilidade, pela instantaneidade etc.

acontecer. Iniciaram-se processos exaustivos de produção e disseminação de discursos em relação à sexualidade e ao controle de sua enunciação.

A partir do final do século XVII, a pastoral cristã estabeleceu algumas estratégias que visavam regular as questões relacionadas à sexualidade, as quais tinham como objetivo conhecer a verdade sobre a sexualidade dos sujeitos. Uma dessas estratégias era a confissão: instituiu-se que todo o bom cristão deveria narrar/confessar, de forma exaustiva e constante, seus desejos, prazeres, sentimentos, sensações, pensamentos, entre outros. A confissão servia como um instrumento de produção de saberes e de controle das sexualidades, pois os que confessavam algo que era instituído como pecaminoso, ilícito e proibido, sofriam castigos, a fim de que suas almas fossem salvas. Nesse contexto, “mais que introduzir imperativos morais ligados à sexualidade, o legado que nos foi deixado pelo cristianismo teria sido a criação de novos mecanismos e técnicas de poder para impor ou inculcar nos indivíduos uma moral sexual” (GADELHA, 2009, p. 66).

Além disso, vigoravam as leis produzidas pelo sistema jurídico que, assim como a pastoral cristã, tinham como objetivo regular, controlar e normalizar a vida dos sujeitos. Ao final do século XVIII, “as práticas sexuais eram regidas pelos três grandes códigos: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Os três controlavam o sexo segundo as noções de lícito e ilícito, de permitido e proibido centradas nas relações de matrimônio” (FONSECA, 2007, p. 85).

No entanto, foi no século XIX que ocorreu uma verdadeira explosão discursiva sobre as questões relacionadas à sexualidade. Nesse momento, não eram apenas a pastoral cristã e o sistema judiciário que discursivizavam a sexualidade. Ela se tornou interesse público. A família, a medicina, o Estado, a educação (instituições pedagógicas), a psiquiatria e a psicologia são algumas áreas que se dedicaram a produzir verdades sobre a sexualidade. Para tanto, alguns procedimentos foram instalados em nossa sociedade, com objetivo de produzir saberes sobre essas questões. Segundo Foucault,

o importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade (2007a, p. 65).

Para extrair a verdade sobre a sexualidade dos sujeitos, foram ressignificadas algumas estratégias que buscavam conhecer os segredos mais íntimos dos sujeitos. Até seus sonhos se tornaram alvo de análise. Dentre essas técnicas, a confissão pode ser considerada uma técnica de fazer falar. Era utilizada com intuito trazer à tona tudo aquilo que “se esconde ao próprio sujeito” (FOUCAULT, 2007a, p. 75). Se na época da pastoral cristã a confissão era usada para extrair o que o sujeito gostaria de esconder; no século XIX, essa confissão era usada para desvelar algo que nem o próprio sujeito conhecia sobre a sua sexualidade.

Essa vontade de verdade, constituída a partir do século XVIII, acabou por provocar no Ocidente o que Michel Foucault chamou de *scientia sexualis*. Enquanto se estabeleceu um *ars erótica* no Oriente, em que a preocupação estava em extrair e vivenciar os prazeres da sexualidade; a *scientia sexualis* estava interessada em desenvolver todo um aparato de investigação científica, ou seja, intencionava conhecer verdades sobre a sexualidade. Ela estava em permanente vigilância, sendo alvo de intervenções quando necessário. Por meio da *scientia sexualis*, “a sexualidade é literalmente produzida como algo, por natureza, sujeito a processos patológicos, demandando, por isso mesmo, intervenções terapêuticas, educativas-corretivas, numa palavra, normalizadoras” (GADELHA, 2009, p. 78).

Assim, a sexualidade não pode ser entendida como algo natural, uma essência vivenciada por todos de maneira universal, mas sim como algo produzido com base em todos esses saberes produzidos pela *scientia sexualis*. Dessa forma, entendemos a sexualidade como uma construção

sociocultural e histórica, que articula poderes e saberes e objetiva controlar e normalizar os sujeitos; ou seja, a sexualidade é um dispositivo histórico.

No curso do século XVIII e mais marcadamente no século XIX, a sexualidade passa a ser “objeto de investigação científica, de controle administrativo e de preocupação social”. Ocorre a formação daquilo que Foucault chama de dispositivo, que, enquanto tal, envolve práticas discursivas e não discursivas referentes ao sexo (FONSECA, 2007, p. 84).

O dispositivo pode ser entendido como uma rede de elementos heterogêneos (instituições, leis decisões, enunciados etc.) envolvido na constituição de sujeitos, por meio de jogos de poder-saber. O dispositivo está relacionado à produção de saberes que contribuem para regular, normatizar e administrar a vida dos sujeitos. Para Marcello (2009, p. 239), “ao falarmos do conceito foucaultiano de ‘dispositivo’, estamos falando de um grande aparato discursivo, que produz incessantemente formas normais e mesmo anormais de ser sujeito”. O dispositivo pode ser entendido como “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (DELEUZE, 2005, p. 83). Para Deleuze (2005), o dispositivo envolve diversos elementos, tais como: curvas de visibilidade, regimes de enunciabilidade, linhas de força, linhas de subjetivação e linhas de ruptura.

As curvas de visibilidade tornam visíveis determinados objetos, “cada dispositivo tem o seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe” (DELEUZE, 2005, p. 84). Já o regime de enunciabilidade está relacionado a o que é permitido ser dito em determinadas condições, ou seja, “aquilo que se torna possível e justificável falar” sobre algo (MARCELLO, 2009, p. 232).

As linhas de força estão relacionadas às relações de poder/saber. Enquanto o poder está relacionado a técnicas e estratégias de fazer falar e

ver, o saber está ligado à normalização, à educação etc. (MARCELLO, 2009). As linhas de força “fixam os jogos de poder e as configurações de saber que nascem do dispositivo, mas que também o condicionam, ou seja, estabelecem estratégias de relações de força, sustentando tipos de saber ao mesmo tempo que sendo sustentadas por ele” (Ibid., p. 233).

As linhas subjetivação, por sua vez, estão envolvidas com a produção de si dos sujeitos, de como esses sujeitos se constituem por meio contexto sócio-histórico e cultural do qual fazem parte. Para Gilles Deleuze (2005, p. 87), a subjetivação pode ser entendida como um “processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como os saberes constituídos”.

O último elemento que constitui um dispositivo são as linhas de fratura. Trata-se de linhas que possibilitam atualização do dispositivo; ou seja, que rompem com um determinado tipo de sujeito que um dispositivo está produzindo. Assim, as linhas de fratura/fissura/brecha estão relacionadas com o que estamos nos tornando. Segundo Marcello (2009, p. 235), as linhas de fissura tratam de “práticas que indicam um conjunto de características ligadas ao caráter de imprevisibilidade do próprio dispositivo e, por que não dizer, naquilo que tange seu caráter de ‘acontecimento”’.

Tais elementos que compõem o dispositivo são móveis, efêmeros e podem sofrer modificações; consistem em “linhas que se bifurcam, de curvas que tangenciam regimes de saberes móveis e entrecruzados, ligados a configurações de poder e designados a produzir modos de subjetivação específicos” (MARCELLO, 2009, p. 232). Todos esses elementos formam um dispositivo que tem como função estratégica responder a uma determinada urgência histórica. Assim, esse dispositivo pode ser entendido como uma formação ou um conjunto heterogêneo que tem por objetivo controlar, dominar, administrar algo que está sendo entendido como um problema (FOUCAULT, 2008).

A partir do século XVIII, principalmente no século XIX, a sexualidade começou a se constituir como algo a ser gerenciado. Isso ocorre porque o

governo percebeu que tinha de lidar com toda uma população e seus respectivos problemas, tais como “a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sociais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas” (FOUCAULT, 2007a, p. 32). Nesse contexto, a sexualidade das mulheres, dos casais, das crianças, dos homossexuais, entre outros, passa a ser entendida como algo a ser regulado e normatizado, a fim de que a sociedade funcione dentro de um determinado padrão.

Entendemos que o *sexting* se insere no dispositivo da sexualidade, pois ele também é entendido como algo que deve ser controlado em nossa população. Para tanto, são criadas estratégias (produção de reportagens, dicas aos pais para cuidar o uso da internet por parte dos filhos, punições etc.) para os sujeitos não aderirem a essa prática, que expõe a sexualidade e a intimidade diante de um público. Assim, conseguimos evidenciar algumas relações entre o *sexting* e os elementos que formam o dispositivo.

Os celulares *smartphones*, a internet, os sites de redes sociais, o sistema *bluetooth*, entre outros artefatos tecnológicos, como mídia massiva, podem ser entendidos como as luzes que visibilizaram e fizeram aparecer a prática do *sexting*; pois é por meio deles que os sujeitos conseguiram registrar e difundir fotos e vídeos de seus momentos de intimidade. Assim, as tecnologias digitais podem ser entendidas como as curvas de visibilidade que fazem com que esse fenômeno faça parte do dispositivo de sexualidade.

Apesar de o *sexting* romper com a ideia de que a sexualidade é algo restrito ao âmbito privado, podemos evidenciar que nem tudo pode ser dito e mostrado sobre o *sexting*. Os vídeos que exibem as relações sexuais de adolescentes, por exemplo, são retirados da web e não são publicados pela mídia massiva. Isso nos dá indícios de que existe um regime de enunciabilidade; ou seja, há uma regulação do que pode ser dito, mostrado e falado sobre essa prática. Além disso, a análise do material empírico mostra que alguns discursos proferidos sobre o *sexting* – tais como o uso das

tecnologias digitais para adquirir visibilidade e a importância de debater sobre a sexualidade – se tornam justificáveis de ser enunciados, pois possibilitam que as pessoas conheçam esse fenômeno e as consequências que aderir a essa prática podem trazer para a vida dos sujeitos. Também se evidencia que esse tema só é possível de ser discutido por sujeitos específicos, como psicólogos/as, diretores/as, pais, delegados/as e conselheiros/as tutelares. Assim, o *sexting* acaba entrando em uma ordem do discurso em que apenas alguns sujeitos são autorizados a falar sobre determinados assuntos.

Nessa prática, também atuam as linhas força. O *sexting* se constitui como algo que vem sendo analisado por diversos sujeitos (delegados, psicólogos, diretores, familiares, conselheiros tutelares etc.). Estes, ao ocuparem uma posição de poder que lhes autoriza a falar sobre essas práticas, formam um campo do saber. Esse campo possibilita que a prática do *sexting* seja controlada e governada, a fim de regular e normalizar a sexualidade dos/as adolescentes.

Ao publicizar a sexualidade, o *sexting* se constitui numa prática que promove pequenas rupturas no que é “prescrito” pelo dispositivo. Dessa forma, a sexualidade, que sempre foi entendida como elemento constituinte da intimidade dos sujeitos, passa a ser visibilizada e exposta no âmbito público, produzindo uma reconfiguração na subjetivação desses/as adolescentes, que se utilizam da sexualidade para se tornarem visíveis.

O *sexting* acaba por produzir uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois expõe algumas questões que foram marcadas ao longo da modernidade como privadas, por exemplo, o corpo nu, o erotismo, a intimidade; enfim, a sexualidade. De acordo com Deleuze,

Todo o dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar, ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro a menos que se dê um enfraquecimento de forças nas linhas mais duras, mais rígidas, ou sólidas (2005, p. 92).

Tal prática tem provocado algumas modificações no dispositivo da sexualidade, que começou a se instituir no século XVIII, mas que precisa se renovar e reatualizar, a fim de controlar e regular esse novo acontecimento: o *sexting*.

Caminhos metodológicos

No século XX, com o surgimento da internet, observamos novas perspectivas para as pesquisas sociais. A internet trouxe algumas facilidades para esse campo de pesquisa, pois ele pode ser considerado um espaço de inúmeras interações, registros e informações da vida cotidiana. Nesta, podemos evidenciar muitas relações sociais que estão presentes em nossa sociedade (HALAVAI, 2012).

Dessa forma, usamos a internet como ferramenta para a produção dos dados empíricos sobre o *sexting*. Para tanto, fizemos uma busca no Google Search. Usamos o buscador do Google, pois segundo Frago, Recuero e Amaral (2012), ele é conhecido mundialmente e possui um grande acervo de registros sobre os diversos temas discutidos no mundo inteiro.

Para realizar a busca no Google, utilizamos alguns termos-chave, tais como: “Vídeos de adolescentes postados na internet”; “Sexo entre adolescentes na internet”; “Fotos sensuais de adolescentes na internet”; “Reportagens sobre vídeos de sexo entre adolescentes na internet”, “*sexting*” e “*sexting* no Brasil”.

Encontramos 48 materiais na internet, publicados no período de 2008 a 2012, os quais relatavam casos sobre *sexting* e discutiam essa prática. Neste artigo, analisamos sete materiais encontrados na internet, que estão devidamente referenciados nas referências bibliográficas e que possibilitavam a articulação das enunciações presentes nesses materiais com o dispositivo da sexualidade.

Para realizar a análise dos dados, utilizamos algumas ferramentas da análise do discurso foucaultiana. Nesse viés, ao olharmos as enunciações, buscamos analisar o que está dito e descrito no material empírico. Afastamos, desse modo, das entrelinhas, do que está subentendido ou oculto nas enunciações. Segundo Rosa Fischer, seguir os caminhos da análise do discurso:

Significará antes de tudo tentar escapar da fácil interpretação daquilo que estaria “por trás” dos documentos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política, na medida em que as palavras são também construções, na medida em que a linguagem também é constitutiva das práticas (2001, p. 199).

Por essa perspectiva, ao olharmos as enunciações, devemos dar conta de entender as condições de possibilidade que permitiram a emergência e a circulação de determinados enunciados sobre o *sexting*. Além disso, ao analisarmos os dados, procuramos conhecer as relações de poder-saber envolvidas nesse jogo discursivo do *sexting*. Em nossos estudos, buscamos analisar as enunciações sobre *sexting* presentes em materiais produzidos na internet sobre o tema, a fim de conhecermos os discursos que estão se formando sobre essa prática social.

Discutindo o *sexting* e sua relação com o dispositivo da sexualidade!

Ao analisarmos as enunciações presentes no material empírico, notamos que a sexualidade é entendida como essência, que está atrelada a uma natureza humana que se manifesta apenas por meio de processos biológicos (modificações nos genitais, aparecimento da menstruação etc.), considerada algo que emerge em um determinado momento da vida do sujeito, principalmente na adolescência. Contraditoriamente, a vivência da

sexualidade na adolescência é considerada precoce, um problema para sociedade.

*E ecoa no País como um alerta para a urgência de a sociedade refletir sobre o acesso das crianças a informações que **estimulam a sexualidade precoce** (SEXO, 2012). Não negar o problema e tomar medidas. Seus filhos também são afetados. Reconheça que a combinação da tecnologia com os **hormônios adolescentes pode ser explosiva** (CASSANTI, 2012). A **precocidade em relação ao sexo** é uma realidade em todo o Brasil (BARROS, 2012).*

Michel Foucault (2007a; 2008) discute que a sexualidade foi se constituindo como algo vinculado a leis, coações, punições, produções de verdade, confissões etc., regulada pelo dispositivo da sexualidade. Assim, não podemos entendê-la como algo que está ligado apenas a hormônios, órgãos sexuais, à natureza carnal dos corpos, a qual emergiria na adolescência, conforme mostram e discutem as enunciações presentes no material empírico.

A sexualidade, mais que isso, está atrelada à ordem dos discursos, do poder-saber, da história e da cultura. Ela pode ser entendida como uma invenção sócio-histórica, produzida ao longo de toda a vida do sujeito, por meio das diversas instâncias pelas quais ele transita. Ela está atrelada às relações de poder e saber, que constituem e definem regras, leis, diretrizes, que acabam proibindo, liberando e prescrevendo determinados comportamentos como certos, errados, normais e anormais. Assim, para Foucault, a sexualidade tem a ver com

[...] a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder (2007a, p. 100).

A sexualidade, nessa perspectiva, pode ser entendida como algo que não só é produzido, mas também regulado e administrado por um conjunto heterogêneo de diversos elementos, como leis, instâncias, discursos. Tais

elementos acabam por constituí-la como algo do qual deve ser extraída uma verdade, para que esta seja controlada por meio de discursos “úteis e públicos” a fim de que funcione dentro de um determinado padrão.

Ao mesmo tempo em que a adolescência é marcada como um momento em que a sexualidade aflora, verificamos que a vivência da sexualidade (sentir prazeres e desejos, relacionar-se afetivo-sexualmente, expor a intimidade) na adolescência é entendida como um problema, algo que se manifesta antes do tempo previsto. Assim, essa precocidade da sexualidade é vista como uma urgência, algo que deve ser motivo de reflexão e atenção da população. Por isso, deve ser controlada e administrada.

Segundo Foucault (2007), a partir do século XVIII, a sexualidade do sujeito passou a ser compreendida como algo a ser administrado e enquadrado. Com isso, a sexualidade dos/as adolescentes também começou a ser considerada um perigo, que necessitava de uma atenção especial, constituindo-se, dessa forma, como um problema público que deveria ser alvo de intervenções em nossa sociedade. Segundo o autor, a partir do século XIX, a sexualidade dos adolescentes foi sendo filtrada e controlada, passando a ser considerada algo a se “proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda a parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas [...]” (FOUCAULT, 2007a, p. 37). Assim, podemos notar que, em torno da sexualidade, constituíram-se diversas estratégias de poder para regulá-la, a fim de que os/as adolescentes a vivenciassem mais tardiamente e com objetivos específicos (reprodução).

Outro ponto que podemos notar, ao olharmos o material empírico, é que a adolescência é discutida de uma maneira generalista, como se todos os adolescentes apresentassem as mesmas características e a vivenciassem de um mesmo modo, manifestando os mesmos comportamentos.

Os jovens muitas vezes não pensam nas conseqüências de seus atos (CASSANTI, 2012).

A insegurança e curiosidade sobre a sexualidade motivam os adolescentes a se exibirem no meio online (GUIMARÃES, 2012).

O adolescente já tem uma necessidade de arriscar, de afrontar a vida. Ele se sente onipotente. Desafia a vida e a morte como se pudesse triunfar sobre tudo isso. Na verdade, ele está se sentindo uma formiguinha, mas não pode se expor como uma formiguinha. Ele tem que parecer potente (BARROS, 2012).

Palavras como inconsequência, insegurança, afrontamento, arriscar, curiosidade, hormônios à flor da pele, entre outras, vêm sendo usadas para descrever a adolescência. Assim, os materiais analisados caracterizam a adolescência como uma fase universal, em que todos/as os/as jovens a vivenciam de maneira homogênea. Por essa perspectiva, os materiais analisados acabam constituindo e reforçando uma identidade adolescente hegemônica. Tais produções acabam representando a adolescência como algo inato aos sujeitos, que está atrelado a mudanças biológicas e psicológicas.

Tal entendimento está relacionado aos pressupostos assumidos pela Psicologia desenvolvimentista, que discute a adolescência como uma fase específica, em que “determinadas mudanças hormonais, glandulares, corporais e físicas pertencentes a essa fase seriam responsáveis por algumas características psicológico-existenciais próprias do adolescente” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 4). A Psicologia e a Biologia, ao descreverem, analisarem e afirmarem que existem algumas características que seriam comuns a todos/as os/as adolescentes, acabam construindo significações e representações sobre ser adolescente.

Esses saberes produzidos pela Psicologia e Biologia sobre a adolescência são reproduzidos pela mídia massiva (pelo menos no caso dos materiais analisados), que acaba reforçando a ideia da adolescência como uma etapa natural, em que todos os indivíduos viverão de forma igualitária. Para Sergio Ozella (2002), as mídias também vêm participando na constituição de um determinado modo de ser adolescente, afirmando e reproduzindo características que são vistas e entendidas como ser adolescente em nossa sociedade.

Os diversos campos de saber (Biologia, Psicologia, Sociologia, História etc.) e diversas instâncias sociais (a mídia, a família, a escola etc.) constituem discursos sobre o ser adolescente. Desse modo, acabam produzindo modos de ser, estar e se comportar na adolescência. Entendemos esse fato como resultado de uma construção discursiva; ou seja, esta é produzida no meio cultural e social, e não apenas por meio de atributos biológicos e psicológicos: “a adolescência nada mais é que um ‘fenômeno cultural’ produzido pelas práticas sociais em determinados momentos históricos, manifestando-se de formas diferentes e nem sequer existindo em alguns lugares” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 4).

Dessa forma, não podemos afirmar que há apenas um modo de ser adolescente. Em vez disso, existem múltiplas formas, que são constituídas por meio das experiências vivenciadas pelos sujeitos e também por diversos discursos que circulam em nossa sociedade, e por isso existem adolescentes que aderem a prática do *sexting* e outros que não se interessam em expor a sexualidade.

Assim, entendemos que a adesão à prática do *sexting* na adolescência não está relacionada a características entendidas como próprias da adolescência (inconsequência, hormônios à flor da pele, insegurança etc.), mas sim a questões sociais, culturais, econômicas e históricas.

Evidenciamos que algumas instâncias sociais, como a família e a escola vêm sendo culpabilizadas pela emergência e a disseminação da prática do *sexting*. Segundo o material empírico, caberia a elas disciplinar os corpos dos sujeitos para que tal prática não fosse efetivada.

A dificuldade dos pais em impor limites, a falta de orientação sexual eficiente nas escolas e uma cultura de massa extremamente erotizada são fortes estímulos (SEXO, 2012).

A psicóloga ressalta que se a situação de exibição desses jovens chegou a tal ponto, é provável que os pais tenham alguma culpa (ADOLESCENTES, 2012).

Talvez isso (sexting) seja até uma compensação por uma ausência de visibilidade em casa. Se ele não se sente visível, vai procurar ser de alguma forma. (BARROS, 2012).

É preciso discutir sexualidade na família e na escola para que ele não vire sexo precoce depois (TOMAZ, 2012).

Por meio desses discursos, podemos evidenciar que a sexualidade é compreendida como algo que deve ser regulado por algumas instâncias disciplinadoras. Segundo os dados, caberia a instituições, como a família e a escola, a imposição de limites, a correção de posturas, a discussão sobre essas questões e a regulação a vida dos sujeitos, a fim de que a sexualidade seja gerenciada, expressa e vivenciada de um determinado modo pelas crianças e adolescentes. De acordo com Foucault (2007a), a partir do século XVIII, constituiu-se o dispositivo da sexualidade, em que diversas estratégias de poder/saber foram traçadas, a fim de normalizar a sexualidade. Tais tecnologias disciplinares acabaram/acabam por determinar algumas maneiras de viver a sexualidade. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2007a, p. 118).

O dispositivo, de maneira geral, tem como objetivo responder uma urgência; ou seja, instala-se com o propósito de estabelecer padrões e resolver problemas. O *sexting* é entendido, no material empírico, como algo que precisa ser regulado a fim de que a intimidade dos/as adolescentes não seja exposta.

Para regular e normalizar a sexualidade, no século XVIII, instituíram-se algumas instâncias sociais, como as pedagógicas e a familiar, que deveriam estar envolvidas em vigiar, adestrar e conhecer, nos mínimos detalhes, o que era vivenciado pelos sujeitos. Desse modo, a “sexualidade se constituiu num elemento crucial às novas tecnologias de poder disciplinar” (GADELHA, 2009, p. 79).

O dispositivo da sexualidade contou com essas instâncias para esquadrihar, normalizar e controlar os corpos e a sexualidade dos sujeitos.

Portanto, podemos assumir uma articulação entre os dispositivos, no caso o disciplinar e o da sexualidade.

Embora a escola seja entendida, pelo material analisado, como uma das instâncias responsáveis em disciplinar a sexualidade, a fim de que práticas como o *sexting* não ocorram, a família ainda aparece nos dados como uma das instâncias mais culpabilizadas por “permitirem” que seus filhos pratiquem o *sexting*. Segundo Foucault, a família é vista como um núcleo importante de controle e agenciamento da sexualidade,

a família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela. Mas o dispositivo familiar, no que tinha precisamente de insular e de heteromorfo com relação aos outros mecanismos de poder pôde servir de suporte às grandes “manobras” pelo controle malthusiano da natalidade, pelas incitações populacionistas, pela medicalização do sexo e a psiquiatrização de suas formas não genitais (2007a, p. 111).

Ao longo da modernidade, a família foi entendida como instância que poderia estar envolvida no controle da sexualidade (natalidade, masturbação, homossexualidade etc.). Hoje, ela é uma instância de destaque na regulação do *sexting*. Acredita-se que a família pode agir no disciplinamento dos adolescentes, evitando assim que eles exponham suas sexualidades.

Outra característica relacionada à sociedade disciplinar é o uso de sanções normalizadoras, que atuam como repressoras de atitudes consideradas inapropriadas, a fim de reduzir desvios de condutas. Nos materiais que discutem o *sexting*, podemos perceber algumas micropenalidades aplicadas aos praticantes desse fenômeno. Insultos, xingamentos, medidas socioeducativas, transferências e expulsões das instituições escolares, entre outras, são alguns exemplos dessas medidas punitivas. Os seguintes fragmentos confirmam essa situação:

Logo depois da veiculação do vídeo, eles começaram a receber bilhetes por baixo da porta com insultos. Até pedras foram arremessadas em direção a sua casa (SEXO, 2012).

A delegada da DDM informou que o expediente será remetido para a Vara da Infância e Juventude que deverá adotar alguma medida sócio-educativa contra esses dois adolescentes (POLÍCIA, 2012).

Os dois adolescentes foram expulsos por conduta inadequada (BARROS, 2012).

Ao observarmos as enunciações, evidenciamos que o *sexting* pode ser compreendido como um desvio em relação ao que é considerado normal nas questões vinculadas à sexualidade. A norma pode ser entendida como processo de homogeneização dos sujeitos, que devem vivenciar a sexualidade dentro de um conjunto de comportamentos, estabelecidos como próprios para uma determinada sociedade: “a norma é uma medida, uma maneira de produzir uma medida comum, a partir do jogo das oposições entre o normal e o anormal” (MORAES; VEIGA-NETO, 2013, p. 6).

Sendo a sexualidade algo que se constituiu ao longo da modernidade, como uma questão de âmbito privado, a sua exposição no âmbito público rompe com o que é considerado normal, sendo necessário passar por processos de normalização. Nessa regulação do comportamento dos sujeitos, podemos citar as punições. Algumas delas podem ser consideradas processos sutis que têm como propósito penalizar condutas classificadas como desviantes. As punições podem ser castigos, correções, privações e pequenas humilhações (FOUCAULT, 2007b).

As punições citadas nas enunciações podem ser compreendidas como processos de normalização, pois, ao punir um determinado sujeito, estamos classificando e determinando quais condutas são consideradas aceitáveis e quais não são. Assim, estamos estabelecendo o que é normal ou anormal quanto à vivência da sexualidade. “A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares, compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 2007b, p. 176).

Dessa forma, nos mecanismos de punições, existem algumas relações de poder-saber, pois as punições marcam e disciplinam esses sujeitos, atuando como uma estratégia de disseminação desse poder. Ao operarem dessa forma, produzem-se saberes que atuam na regulação e no controle dos sujeitos, constituindo o que é considerado normal e anormal. Gera-se, assim, um determinado saber, atrelado a relações de poder, pois sempre existem sujeitos que punem e os que são punidos.

Essas relações de poder-saber constituem as linhas de força que compõem um dispositivo. Nesse caso, o dispositivo da sexualidade. Assim, a prática do *sexting* pode ser considerada inadequada às regras produzidas pelo dispositivo da sexualidade. Por isso, todos/as os/as adolescentes que o praticarem devem sofrer punições, de modo que tal prática seja reprimida e evitada. Para Foucault, o “que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios” (2007b, p. 172).

Aqui se percebe o *sexting* como uma prática que produz uma atualização no dispositivo da sexualidade, podendo ser considerado uma ruptura nas formas de vivenciá-la. O *sexting* pode ser considerado um acontecimento novo e atual no dispositivo da sexualidade. Segundo Deleuze (2005, p. 92-93), “o atual não é o que somos, mas aquilo que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro”. A prática do *sexting* vem produzindo a sexualidade como algo a ser visibilizado e, além disso, reforça a ideia de que a sexualidade deve ser controlada em nossa sociedade. Para realizar esse controle da sexualidade dos sujeitos são aplicadas punições que visam normalizá-la.

Ao realizar a análise do material empírico, é possível verificar que os sujeitos que sofrem os maiores castigos e correções são as meninas. Comumente, são alvo de xingamentos mais severos e violentos que os meninos.

A garota teve os cabelos cortados e trocou de nome para não ser reconhecida. Já os meninos que participaram da filmagem são apontados na rua e excluídos do grupo de amigos - por orientação dos pais das outras crianças. O constrangimento é geral na cidade (SEXO, 2012).

A escola não tem nada a ver com isso! Isso que aconteceu lá dentro jamais vai afetar o respeito da escola. Safada é a menina que se deixou filmar ela com a boca na coisa, o moleque ficou de boa, a sem vergonha é ela que por ser mulher tinha que se dar o respeito. É aquele velho ditado: prende suas cabritas que meus bode estão soltos! É por isso que só fiz macho! (ADOLESCENTES, 2012).

Por vergonha e pressão comunitária a família da menina teve que se mudar da cidade (BARROS, 2012).

Mudança de cidade, críticas, xingamentos e culpabilizações são algumas das violências vivenciadas pelas meninas que praticam o *sexting*; aos meninos, muitas vezes restam elogios e apoio de todos/as, pois culturalmente se instituiu que cabe ao menino/homem vivenciar os prazeres da sexualidade. Outro fator demarcado nessas narrativas é o corte do cabelo das meninas, que nos possibilita pensar a respeito do cabelo como um marcador identitário feminino, associado à beleza e sensualidade da mulher. Tal prática aponta para uma representação hegemônica da mulher como sedutora, responsável por incitar e “tentar” o homem. Assim, ao praticarem o *sexting*, são as meninas as que mais sofrem violências, o que nos possibilita verificar algumas desigualdades em relação às questões de gênero.

É importante salientar que os gêneros são construções socioculturais, que se constituem por meio de relações de poder e saber. Desde cedo, meninos e meninas são ensinados sobre as questões de gênero e sexualidade. De acordo com Louro, “nada há de puramente natural e dado em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (2008, p. 18).

As meninas aprendem que devem preservar e resguardar a sua sexualidade; já os meninos são estimulados a sentirem prazer e a manterem relações sexuais desde cedo. Para que as meninas tenham condutas recatadas, que retardam a vivência e a demonstração de sentimentos, como

o prazer e o desejo, seus corpos são alvos de controle, vigilância e sanções normalizadoras intensas. Nessa perspectiva, podemos perceber que os corpos das meninas sofrem estratégias disciplinadoras rigorosas ao longo de suas vidas, para que a sexualidade seja vivenciada de um modo específico. Segundo Foucault (2007a), o dispositivo da sexualidade colocou o corpo da mulher como algo a ser analisado (qualificado e desqualificado), alvo de produção de saber e regulado de forma contínua. As meninas se constituem como “sujeitos que devem ser constantemente educados, ensinados e informados” (MARCELLO, 2009, p. 122). Quando essas meninas fogem às regras produzidas em nossa sociedade, como praticar o *sexting*, por exemplo, elas são culpabilizadas e violentadas de forma mais intensa, pois se estabeleceu em nossa sociedade que cabe às meninas controlar seus desejos e prazeres em nome da norma que foi instituída. Para Marcello, “dirigi-se a disciplinarização dos corpos e dos tempos somente às meninas, pois parece serem elas as principais culpadas pelo fracasso em fazer seus corpos dóceis e úteis” (2009, p. 122).

A mídia, ao focar com afinco as violências sofridas pelas meninas, também acaba construindo significados a respeito de como meninas e meninos devem se comportar e viver a sua sexualidade. Ao repetir, salientar e mostrar que as meninas sofrem as maiores violências, a mídia acaba reafirmando que elas são responsáveis pelo controle e cuidado da sua sexualidade. Para Rosa Fischer (2001, p. 589) “aceitamos que a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos – pressuposto que se fundamenta na articulação dos conceitos de poder, saber e sujeito feita por Michel Foucault”. Dessa forma, o dispositivo pedagógico da mídia contribui para educar a sexualidade de meninas e meninos.

Por fim!

A prática do *sexting* vem produzindo outros modos de vivenciar a sexualidade que, na contemporaneidade, torna-se algo a ser exposto por

meio das tecnologias digitais. Assim, entendemos o *sexting* como um acontecimento que acaba produzindo uma atualização no dispositivo da sexualidade, pois vem constituindo sujeitos que buscam espetacularizar o eu, mediante a visibilização da sexualidade. Se a sexualidade é analisada, investigada e regulada; ou seja, constitui-se como um dispositivo, ela deve ser entendida como uma construção social, cultural, histórica e política, atravessada por relações de poder-saber.

No entanto, ao analisarmos as enunciações do material empírico, evidenciamos que a sexualidade é entendida como uma essência, algo que aflora em um determinado momento da vida dos sujeitos; no caso, na adolescência. Porém, ao mesmo tempo em que a adolescência é entendida como uma fase de extrapolação da sexualidade, quando é discutida e vivenciada por adolescentes, a mídia massiva afirma que isso está acontecendo de forma precoce. Para Foucault (2007a), a partir do século XVIII, a sexualidade adolescente tornou-se um problema público; por isso, foram criadas estratégias para governá-la. Como parte do dispositivo da sexualidade, o *sexting* também se constitui como algo a ser regulado e controlado a fim de melhor governar e normalizar os sujeitos. Podemos evidenciar isso nas enunciações que afirmam a importância de as instâncias consideradas disciplinadoras, como a família e a escola, atuarem vigiando, controlando e punindo os/as adolescentes. Isso tudo com objetivo de que eles/as sigam um determinado padrão: a negação à prática do *sexting*.

Práticas como a vigilância e o controle dos sujeitos são consideradas marcas de uma sociedade que prima pela disciplinarização de seus corpos. No entanto, além disso, evidenciamos outra estratégia de adestramento dos sujeitos: as micropenalidades. Ao realizarmos as análises, verificamos que os/as adolescentes sofrem punições como expulsões, humilhações, xingamentos, entre outras, com o objetivo de enquadrar esses corpos e a sexualidade dentro de um determinado padrão.

Tais penalidades são ainda mais rígidas e violentas com as meninas; são elas as maiores vítimas nesses casos. Assim, podemos perceber uma

diferenciação e uma hierarquização nos modos como meninos e meninas praticantes do *sexting* são tratados e punidos em nossa sociedade, o que enfatiza o quanto ainda estamos vivendo um momento de desigualdade de gênero.

Consideramos importante investigar o discurso da mídia sobre o *sexting*, pois esse é um fenômeno que vem produzindo reconfigurações nos modos de vivenciar os prazeres e desejos relacionados à sexualidade. Além disso, ajuda-nos a pensar na importância de debatermos com os/as adolescentes sobre esse tema.

Referências

ADOLESCENTES postam fotos sensuais na internet. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/noticia-clipping/adolescentes-postam-fotos-sensuais-na-internet>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

BARROS, Ana Cláudia. *Adolescentes filmam relações sexuais para competir na rede*. Disponível em: <<http://entretenimentoar.terra.com.ar/oscar/2009/interna/0,,OI4572453-EI6594.html>>. Acesso em: 22 jun. 2012

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BROWN; Jane D.; KELLER, Sarah; STERN, Susannah. *Sex, Sexuality, Sexting, and SexEd: Adolescents and the Media*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/234656991_Sex_Sexuality_Sexting_and_SexEd_Adolescents_and_the_Media>. Acesso em: 20 jun. 2013.

CASSANTI, Moises de Oliveira. *O que cada pai deve saber sobre sexting*. Disponível em: <<http://www.crimespelainternet.com.br/o-que-cada-pai-deve-saber-sobre-sexting/>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arq. bras. psicol.* [online], v.57, n. 1, p. 2-11, 2005. ISSN 1809-5267.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. 2. Ed. Lisboa: Vega, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 14, p. 197-223, novembro, 2001.

FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a Constituição do Sujeito*. 2. ed. São Paulo: Ed. EDUC, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: Introdução e conexões, a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Educação: Experiência e Sentido).

GUIMARÃES, Alessandra. *Exibição online ameaça reputação de crianças e adolescentes*. Disponível em: <<http://leonardi.adv.br/2010/09/exibicao-online-ameaca-reputacao-de-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.11-16.

LOURO, Guacira. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições* [online], v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. *Currículo sem Fronteiras*, Portugal, v. 9, n. 2, p. 226-241, jul./dez. 2009.

MORAES, Antônio Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo. *Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível*. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/moraes-veiga-neto-disciplina-controle-escola.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

POLÍCIA já sabe quem divulgou vídeo de alunos fazendo sexo oral em sala de aula. <<http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/lmno/item/20225-pol%C3%ADcia-j%C3%A1-sabe-quem-divulgou-v%C3%ADdeo-de-alunos-fazendo-sexo-oral-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 20 jun.2012.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: KOLLER, Sílvia Helena. *Adolescência e Psicologia: Concepções práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. Rio Grande: FURG, 2006. Dissertação(Mestrado em Educação Ambiental)– Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2006.

SEXO cada vez mais cedo. Disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/10862_SEXO+CADA+VEZ+MAIS+CEDO. Acesso em: 21 jun. 2012.

TOMAZ, Kleber. *Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/adolescentes-aderem-ao-sexting-e-postam-fotos-sensuais-na-internet.html>>. Acesso em: 15 set.2012.

Willard, Nancy. *Sexting and Youth: Achieving a Rational Response*. Journal of Social Sciences 6 (4), 2010. p. 542-562.

Recebido em maio de 2016.
Aprovado em junho de 2016.